

RESENHA



MUSICAL

F.C.

Diretor: PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

Redatora: PROFA. ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. Cons.º Crispiniano, 79 - 8.º andar — S. PAULO

ANO IV

SÃO PAULO — NOVEMBRO — 1941

NÚM. 39

Ondina Bonora de Oliveira

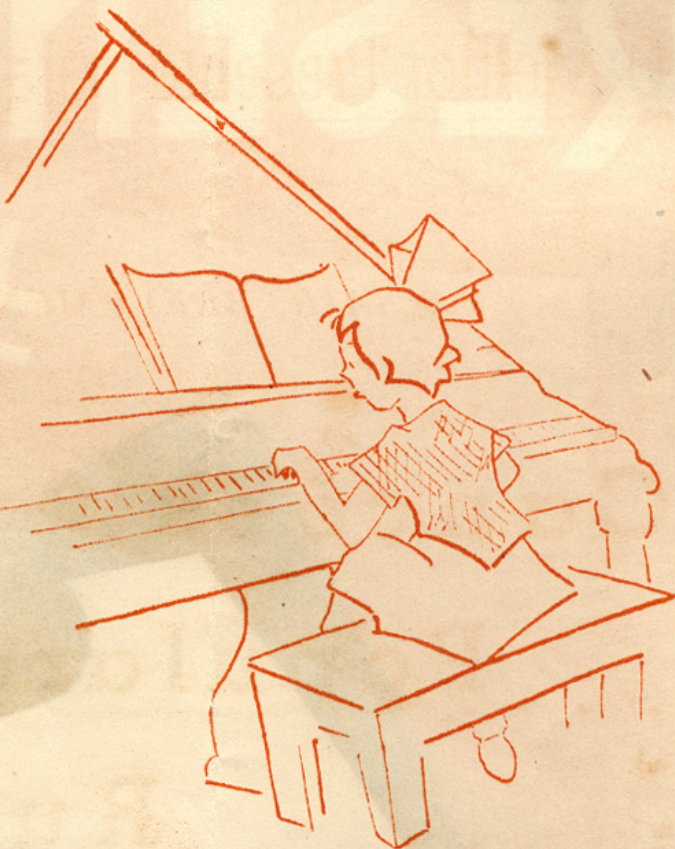
(Professora de Piano)

Curso Infantil Es-
pecializado



Rua Dona Elisa, 50
(Perdizes)

Fone: 5-5971
S. PAULO



P E R M U T A

**RESENHA
MUSICAL**

Rua Cons.^o
Crispinião,
79-8.^o andar
S. PAULO

Desejamos estabelecer permuta com as revistas similares.
Ni deziras starigi intershanghon kun similaj revuol.
Deseamos establecer el cambio con las revistas similares.
Desideriamo scambiare la nostra rivista con le sue congeneri.
Nous désirons établir l'échange avec les revues similaires.
We wish to establish exchange with similar reviews.
Austausch mit aehnlichen Berufszeitschriften erbeten.

**Leia e
assine**

**RESENHA
MUSICAL**

**Assinatura
anual**

20\$000

O Melhor Presente para as Festas!

A SAIR, BREVEMENTE

Canções

Populares

Russas

Escolhidas e harmonizadas por A. KAUFMANN

Album inteiramente ilustrado em côres

Edições I. M. L. São Paulo

MEU MELHOR Negócio...



...minha residencia no
SUMARÉ
construida imediatamente
para ser paga a longo prazo

informações na

SOCIEDADE SUMARÉ LIMITADA

INSCRIÇÃO
N.º 28 NO REG
DE IMS. DA S.ª
CIRCUNSC.

RUA LIBERO BADARÓ, 282 - 4.º andar - FONE 2-0385

O que a pobreza impediu a Schubert

Franz Schubert, o famoso músico vienense que compôs inolvidáveis canções, viveu acorrentado pela mais implacável pobreza, a pesar de haver trabalhado incansavelmente. Essa estremada pobreza, que às vezes chegava à miséria, impediu que o artista realizasse o que sempre foi o seu sonho incansável: formar um lar.

O que para muita gente sem valor de nenhuma classe foi possível, para o grande infortunado que foi Schubert resultou de todo impossível. A mulher que adorava e a que havia desejado converter na musa de carne e osso de seus "lieder" cansada de esperá-lo baldiamente, se casou com um homem prosaico que possivelmente não a compreendia, porque possuía o dinheiro que ao músico faltava.

Duas paixões predominantes teve o músico famoso: criar música cada vez mais bela e render culto a amizade. Para ele a amizade era sagrada. Sempre gostava de rodear-se de poetas, escritores músicos e pintores. As "schubertadas" eram reuniões em que se cantava, se recitava, se bailava e se bebia a cada momento. Schubert era feliz em meio de pessoas que tinham afinidade com seu temperamento. Para dar-se a esse prazer repar-tia com seus amigos o que ganhava, que, não era muito, compondo seus "lieder", desdenhados a miúdo pelos editores.

Não chegava a sua casa um artista premido pela necessidade, sem que Schubert desejasse socorrer. E não foram poucas as vezes em que para ajudar a um amigo, ele, em vez de ceiar, bebia uma taça de café e comia um biscoito...



Confiava o grande artista que um dia seus méritos seriam reconhecidos, como mereciam, e, então, adeus!, pobreza! O bem-estar entraria pela porta de sua casa para não abandoná-la nunca mais. Porque sua má estrela não o quiz assim!...

Que foi que houve entre a Condessa de Estherazy e Schubert? Ela era filha de um magnata húngaro. Em sua casa, durante o verão de 1818, se hospedou o autor de tantas celebradas melodias. Durante essa temporada foi confiada ao músico a educação musical da jovem aristocrata, que na ocasião contava só onze anos.

Claro que não foi então quando Schubert se enamorou da condessita, que era uma menina, senão seis anos mais tarde, durante uma segunda estadia na Hungria. Certo dia, com "coqueterie" se lamentava ela de que seu maestro não a havia honrado dedicando-lhe uma de suas composições.

— Não o é necessário — senhorinha —

replicou o músico, porque o que compo-
nho está dedicado a sua pessoa.

Porque a condessa de Estherazy, ha-
via de unir seu destino ao daquele boêmio?
Ela estava muito alto, e ele pobre Schu-
bert, preso na rédeas da pobreza irreme-
diável.

Grove, o musicógrafo inglês, supõe,
não obstante, que a única paixão de Schu-
bert, o grande amor de sua existência, foi
o que sentiu por Tereza Grob. Em casa
desta mulher o célebre músico, sendo um
adolescente, deu a conhecer suas primei-
ras canções.

Tereza Grob, se mdúvida alguma, se
enamorou de Schubert. Era uma notável
cantora e interpretava com comunicativa
emoção os "lieder" do artista vienense.
Ele era seu amigo e maestro, porque ou-
tro sentimento mais profundo havia entre
ambos: o amor.

Mas o tempo transcorria e os sonhos
nupcias de Teresa Grob e de Schubert se
desvaneciam. Como o amava deveras, a
cantora esperou um ano e outro, mas a
cruel pobreza do músico conspirava con-
tra a sorte dos namorados. Por mais que
trabalhasse, não lograva levantar a cabeça.
Cada dia era mais miserável sua condição,
até que Teresa Grob, vendo que sua ju-
ventude caminhava em uma vã espera, se
casou com um rico comerciante e, parece
se esqueceu de Schubert para sempre.

A partir de então se agravou o carater
do grande músico. Só achava na arte o le-
nitivo para suas penas.

"Minhas composições — escreveu em
seu "Diário" quatro anos antes de sua
morte — são filhas de minha inteligência
e de minha dôr, e é aqui que elas pare-
cem deleitar as pessoas que só engendra-
ram minha dor".

E sua angustia aparece mais lacinante
nas linhas que dirigiu ao seu amigo Kupel-
wieser desde o hospital: "Imagina um
homem que perdeu a saúde para sempre
e cujas mais brilhantes esperanças se não
desvanecido; um homem a quem o amor
e a amizade não deram sinão grandes pe-

nas; num artista que vê extinguir-se o
entusiasmo e o sentimento do belo. Meu
coração está angustiado. Fugiu de mim a
paz do espírito. Jamais voltarei a desfrutar
desse supremo bem!"

Um verdadeiro calvário foram os últi-
mos anos de Schubert. Amargurado por
seu fracasso sentimental, incompreendido
pelos editores e seus contemporaneos, as-
sediado pela miséria mais inoculta, morre
por menos abandonado, dois dias depois de
haver vendido seus últimos seis "lieder".

Não é trágica a desapareição deste mú-
sico genial nessas horríveis circunstancias,
depois de haver legado a posteridade entre
sinfonias, oitetos, quintetos, quartetos,
trios, sonatas, impromptus, missas e "lie-
der" nada menos que umas oitocentas
obras notáveis e depois de haver sido o
criador do "lieder" dramático?

Lamentável destino do grande compo-
sitor vienense, que arrastou como uma mal-
dição sua miséria, e que sendo desde me-
nino prisioneiro dela, logrou deixar um
nome luminoso na história da música. Seus
encantadores "lieder" não se olvidarão
nunca porque estão feitos com essência
da imortalidade.

A. M.

Lingerie Kati

JARDIM EUROPA

Rua Bucarest, 4 — (Esquina
Rua Alemanha) — Fone 8-1505

Finas Roupas brancas para
Senhoras. — Lindos Vestidos
de Crianças. — Artigos para
presentes.

BORDADOS A MÃO
MONOGRAMAS

O
BRINDE
está na
Qualidade



Café
PALMEIRAS
EXTRA
FINO

D. Kopenhagen

FILIAL NO RIO:
Rua Buenos Aires, 52 — Tel. 43-9740

MATRIZ — SÃO PAULO:
Rua Dr. Miguel Couto, 28 e 41
Telefone 3-3406

FABRICAÇÃO
DE
ESPECIALIDADES
EM
MARZIPAN
E
Chocolates



Casemiras, Brins e Linhos, nos
mais variados padrões, V. S.
encontrará na

Casa Alberto

LARGO SÃO BENTO N.º 40
Fone 2-2336 — S. PAULO
RUA FREI GASPAR N.º 39
Fone 4-476 — SANTOS



**Onde os
GRANDES MESTRES
revivem...**

Animado por suas mãos de artista, o piano BRASIL reviverá os grandes mestres. É de mecanismo perfeito, de sonoridade impecável. Louvam-no os interpretes mais famosos. Encha seu lar de harmonias com esta obra prima que é o orgulho da nossa industria.

S. A. NARDELLI
Pianos Brasil

Rua Stella, 63 — Tel. 7-5214 e 7-2274 — S. Paulo

PEDIMOS AOS NOSSOS PREZADOS ASSINANTES A FINEZA DE NOS AVISAR SEMPRE QUE HOUVER MUDANÇA DE ENDEREÇO, EVITANDO EXTRAVIOS NA REMÉSSA DA NOSSA REVISTA.

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Uma assinatura anual de RESENHA MUSICAL custa apenas 20\$000
Número avulso 3\$000
Suplemento avulso 3\$000

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, é expressamente proibido.

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrasados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

ANUNCIOS: FONE 5-4630.

Redação: Rua Cons.º Crispiniano, 79, 8.º andar — S. PAULO.

A música através dos séculos

N. da R. — Esta a 1.^a palestra lida em 24 do corrente, pelo sr. prof. Clovis de Oliveira, no recente programa "A MÚSICA ATRAVÉS DOS SÉCULOS", da Rádio Piratininga, PRH-3, de São Paulo.

Prof. Clovis de Oliveira

A Música dos séculos!...

A Música através dos séculos!

Eis o que visamos ao iniciar este curto ciclo de obras — algumas olvidadas tanto quanto seus autores, outras tão vivas tanto quanto, em nossa lembrança, as figuras de seus compositores.

Fenômeno natural do tempo. Diversidade lógica entre dois tempos distanciados por largo espaço. Nesse espaço onde viveram, também, grandes mestres que foram como outros, timoneiros de falanges de novos rebentos cuja missão levaram a efeito contribuindo com a invejável pujança de seus gênios, para a notável ascendência da arte musical expoentificada pelos nomes gloriosos e imortais de Mozart, Beethoven, Bach, Schumann, Liszt, Chopin, Wagner, Debussy, Ravel, Nepomuceno, Carlos Gomes, Stravinsky, Respighi, e outros de valor incomensurável cujos imortalizaram-se para a glória da arte musical, sublime em pureza, divina pelos influxos de bemaventurança.

(Rambaut de Vaqueiras-Kalenda Maya, canto pela Sra. Francisca Azevedo Cotrim).

Estes sons musicais, esmerada e primorosamente tratados, que ainda estão ecoando em nossos ouvidos, transportaram-nos, pela voz suave e delicada de D. Francisca Azevedo Cotrim, a par de uma interpretação sobreexcelente, para um século tão longínquo deste extremo em que vive-

mos que parece-nos lendária a existência de sua vida.

Lendária, sim, porque foram as lendas que trouxeram-nos muito da história desse século, do século XIII, assim como dos que o antecederam e dos que o sucederam.

A própria História é um complexo de verdades toldadas pela gaze fina e envolvente de lendários acontecimentos, de lendários romances, de arquiteturas cerebri-
nas, resultando o embelezamento dos seus seus fastos, o embelezamento da vida vivida nos séculos que passaram.

Dentro da doce poesia dos séculos, aromatizada pelo perfume do romantismo da Idade Média, os trovadores do século XIII, corroboraram o motivo porque as artes são elementos de vida, justificando como a vida inspira as artes. Os trovadores cantaram, como os rapsodos gregos, a vida romanesca, a vida religiosa, a vida social, a vida política, a vida heroica, a vida de então. Adam de la Hale, autor da mimosa página musical que ouviremos a seguir, foi uma das principais figuras desta época. Os trovadores foram propagadores da melhor música e da melhor poesia da antologia artística desses cem anos remotos da humanidade, porque eram intelectualmente bem dotados.

Sobre o manto de veludo encarnado desse século de rimas floridas, coloquemos este "lied" de Adam de la Hale, verdadeira e micante jóia, requintada de beleza, cujos reflexos sonoros resplandecem pelos séculos afóra!...

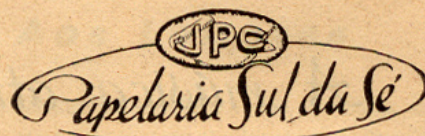
(Adam de la Hale — Trouvère, canto, pela Sra. Francisca Azevedo Cotrim).

... E o tempo passa...

E a *chanson* é cantada. A balada é uma música de estirpe. O *rondó* é divertimento de uma e de várias gerações. O *alaúde* é o instrumento exquisito de som original e mágico que todos dedilham e que a todos encanta. E uma pleiade de grandes artistas dá origem à famosa Escola Neerlandesa. Brilham fulgurantemente Guillaume Dufay, Jean de Ockeghem, Josquin Després, Machaut, Landino, Binchois. Representando dois séculos de evolução musical, alguns desses nomes aureolados de glória, vão ser agora recordados na voz bonita de D. Francisca de Azevedo Cotrim, cantando Machaut e Landino, do século XIV, Guillaume Dufay e Binchois, do século XV.

(G. Machaut — *Chanson balladée*; Francisco Landino — *Angélica Belta*; G. Dufay — *Le jour 's'endort*; G. Binchois — *Rondó* — canto pela Sra. Francisca Azevedo Cotrim).

E com estas baladas ou canções, com estas melodias suaves de uma época histórica que antecedeu às Cruzadas, donde o surgimento do místico e imaginoso *alaúde* na Europa, vindo das plagas orientais, o encanto da música aliado ao encanto da vida pelos belos sentimentos e pela fecunda imaginação do homem, a Música progrediu dentro dos ditames do possível até um ponto que de humano só pode encontrar similar na *Renascença* e no *Romantismo* do século XIX. Entre o lirismo musical dos séculos XIV e XV, da *Renascença* e o *Romantismo* do século XIX, a diferença é determinada pela idade e consequentemente pelo meio material e ambiente, evoluídos, pelos quais se manifestaram, ao passo que o espírito que as con-



TIPOGRAFIA

Impressos em geral — Encadernação, Douração, Carimbos de Borracha, Alto Relevo

PAPELARIA

Completo sortimento de artigos para escritórios, desenho e escolares. — Importação direta

J. PECORA & CIA.
RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 325
Telefone, 2-5399 — S. PAULO

cebeu é o mesmo espírito humano que se debate por um aperfeiçoamento através os séculos, produzindo o inconcebível, realizando o irrealizável, aniquilando o impossível.

É o evoluir da mentalidade humana num progresso transcendente e excelso, que só se explica pelo estudo percuciente dos fatores que o concretizam e das razões pelas quais esse adiantamento é admissível — alimentado pela afabilidade do coração sempre bondoso — bem provam as filigranas musicais dos séc. XIII, XIV e XV, que acabamos de ouvir — que os homens estancados num mesmo prisma de absurda incompreensão pervertem-no, transmutando-o para um plano de absorvente inferioridade, degradando a própria vida, esse maravilhoso hálo de esperança, dessa esperança radiosa que Deus ofertou-lhes dadivosamente, como azo para efetivar algo de frutífero e nobre sobre a terra, tornando-se dignos de sua benção, plena de música e de espiritualidade!

NATUREZA E ARTE

A obra de arte é uma criação da fantasia
— Fantasia abstrata e concreta — Estilo
— A cor e a totalidade como fundamentos
do estilo

Prof. B. Lazar

Sob a denominação de "impressionismo" compreendemos simplesmente uma tendência pictórica e nada mais. Certamente que o sentido da palavra impressionismo se estendem consideravelmente desde 1874, quando o título "Impressão" de um dos quadros de Monet foi empregado para designar um conjunto de aspirações pictóricas. Mais tarde essa designação se aplicou a uma concepção especial da vida, a um certo ideal de cultura, a determinadas convicções políticas, religiosas e filosóficas, e assim se denominaram as mais diversas manifestações do conceito, não só nas artes plásticas mas também na literatura, na música e, em suma em todos os matizes da cultura social. Logo a tendência a sistematizar deu lugar a uma extraordinária generalização do conceito, até o ponto de que a idéia chegou a perder sua significação primitiva. Para compreendê-la queremos limitar nosso exame a um setor limitado, apreciando como se manifesta na pintura, como se limita e como se efetua sua evolução. Em nosso estudo veremos quais foram as circunstâncias que deram vida a essa tendência pictórica e constataremos que foi imposta pelo estado vigente daquela época. Por outro lado apreciaremos que se o impressionismo chegou a alcançar a elevada significação que hoje tem, o deve ao prestígio pessoal dos seus grandes mestres e à vitalidade que suas obras encerram. Prescindiremos contudo de fazer uma generalização das conclusões que de nosso

estudo se depreendam. O impressionismo nos interessa e nos ocupa simplesmente como uma manifestação da vida artística.

Para começar daremos alguns esclarecimentos acerca do quadro "Impressão", de Monet, tantas vezes citado. Esta tela é uma composição cromática pintada em Londres em 1872. O sol se eleva sobre as casas da margem; sua luz treme em linhas zigzagueantes no espelho das águas do Rio. Por cima das casas e da água se estende um ar azul em que surgem como luminosas manchas, as silhuetas dos campanários e dos barcos que cruzam o rio. O quadro representa a pugna entre a névoa e a luz do sol, entre os valores cromáticos do céu e da água, assim como a compenetração e a mútua influência de suas cores. Os matizes se fundem, as formas se fazem insensíveis. O pintor toma como ponto de partida um efeito real: a observação das relações que existem entre as massas de cor e o ambiente inundado por elas. Tais são os seus motivos.

O profano não costuma saber de nenhum dos fenômenos indicados que esta composição lhe oferece, porque em sua maneira de apreciar a realidade habituou-se a considerar a cor não como um elemento autônomo e sim como um meio para reconhecer as coisas. Assim se compreende que estes efeitos cromáticos combinados exerçam nele, no primeiro momento uma influência perturbadora. Pelo contrário a

Visitem a nossa secção de TAPEÇARIA

CORTINAS — TAPETES — MOVEIS

PREÇOS ECONÔMICOS

PEÇAM ORÇAMENTOS
SEM COMPROMISSO

PREÇO FIXO S/A

SANTOS:

Rua General Camara, 9

SÃO PAULO:

Rua Direita, 250-254

situação do artista diante da Natureza é completamente diferente. O pintor não vê o mundo com os olhos práticos do comum das gentes, mas, afastando-se da realidade, considera as formas em que se manifestam os fenômenos visíveis: cores, linhas, matizes, transições de luz, elementos autônomos, objetos próprios da sua arte de tal modo que inclusive as coisas do mundo externo, as montanhas, os prados, as árvores, a água, o céu, são para ele fenômenos luminosos e cromáticos.

O pintor procura a secreta articulação que existe entre estes elementos, suas variações sempre novas, para criar com elas uma nova obra de arte: e não se satisfaz enquanto não encontrou os meios de expressar esta nova manifestação da beleza artística. Esta nova revelação do

belo que ele encontra na Natureza suscita no artista sensações que constituem o ponto de partida da sua criação. Nele se produzem visões fantásticas, imagens que se elaboram em seu espírito, que se transformam debaixo da influência de suas observações diante da Natureza e que, finalmente, chegam a se converter em manifestações pessoais. Até mesmo aqueles pintores que se dedicam à profunda contemplação da Natureza e que, na aparência, se limitam a copiar o quadro que a Natureza lhes oferece, pintam apenas quadros criados pela sua fantasia, visões que como artistas observaram com seus olhos internos, fitando a Natureza. Na realidade o quadro é criado pelas sensações do pintor, alimentado pelas suas recordações e elaborado pela sua fantasia.



Orquideas brasileiras e estrangeiras

Visitai nossos orquidários na

Rua Augusta, 2786 — Tel. 8-3679 ou Av. Adolfo Pinheiro, 4720
SÃO PAULO

Cabocla Bonita e Capim na Lagôa

Prof. ARTUR PEREIRA

(Suplementos VII e VIII,
de RESENHA MUSICAL)

Com o intuito de esclarecer dados a respeito destas melodias que harmonizei colhidas da obra "Ensáio sobre a música brasileira", de Mário de Andrade, e cuja publicação foi feita pela estupenda revista RESENHA MUSICAL, de São Paulo, é que, ao sair neste número a segunda delas, denominada "Capim na Lagôa", aproveitei o ensejo para traçar esta crônica:

CABOCLA BONITA

Toada do Amazonas. De acôrdo com o coligidor completei o texto poético com quadras extraídas do livro de Sílvia Romero "Cantos Populares do Brasil", conservando necessariamente o refrão obcecado "Ô cabocla bonita!"

As quadras inscritas neste texto poderão ser acrescidas ou substituídas pelas que seguem:

"Tico-tico no terreiro,
quando chove, não se mólha,
onde há moça solteira
— Ô cabocla bonita! —
p'ras casadas não se ólha.

Romero atribui esta quadra ao populário gaúcho, segundo a indicação que se lê no seu livro. Afonso de Freitas enumera como de tradição paulista a seguinte quadra:

"Tico-tico no terreiro
quando chove não se mólha,
onde tem moça bonita
para as fêia não se ólha.

Romero dá na mesma tecla:

"Laranjeira ao pé da porta,
na cama me vai o cheiro,
tanta mocinha bonita
para mim que sou solteiro."

"Quando chove não se mólha,
onde há moça solteira
— Ô cabocla bonita! —
p'ras casadas não se ólha...

Laranjeira ao pé da porta,
na cama me vai o cheiro,
tanta mocinha bonita
— Ô cabocla bonita! —
para mim que sou solteiro.

Fui soldado, sentei praça
no regimento do amor;
como sentei por meu gosto
— Ô cabocla bonita! —
não posso ser dissertor!"

CAPIM NA LAGÔA

Este primor vocal foi colhido na Paraíba. Não obstante, pessoa que nunca saiu de Pernambuco senão para vir a São Paulo me afirmou de viva voz que também o ouviu em Pernambuco. A informação não me veio como reforço, por isso registei-a para constar apenas.

Deve ser cantado com absoluta naturalidade para conservar bem pura a linha melódica. Faço aqui insistência na entrada:



O tempo forte é onde está marcado.

JOIAS - RELOGIOS

OFICINA
ESPECIALIZADA



R. São Bento, 333 -- Tel. 2-6003
Largo do Café — Predio
Alvares Penteado

CASA DE ABSOLUTA CON-
FIANÇA E SERIEDADE



Joalheria e
Lapidação
Paulistana

de PEDRAS
PRECIOSAS

Ricardo Kroeninger

Riquíssimo sortimento em
PEDRAS PRECIOSAS E
SEMI-PRECIOSAS
cravadas e soltas.

Executam-se com a maior perfeição
todos os serviços do ramo.

Telefone: 4-1083

Rua Xavier de Toledo, 54
(em frente ao prédio da Light)



GLUCOSE
GERA
ENERGIA!

ASSIMILE "GLUCOSE" DIARIAMENTE NA FORMA
DE BALAS — BONBONS — CAMELOS — ETC.

O EMBLEMA E SUA GARANTIA DE
QUE O PRODUTO CONTÉM GLUCOSE



CONCERTOS

Prof. Clovis de Oliveira

SEGUNDO FESTIVAL DE MÚSICA SACRA

Talvez não se enquadre bem nestas colunas um comentário, mesmo ligeiro, sobre o Festival de Música Sacra, levado a efeito, em 9 de Novembro, na Igreja Metodista Central, sob a direção artística do prof. Alberto W. Ream.

Mas, sob o ponto de vista artístico musical, ele merece especial referência, porque não só a estrutura do programa mas, principalmente, a execução esteve acima de uma apresentação comum. Devemos notar, neste particular, a diferença que existe entre apresentar um programa inédito ou original, e um bem executado. Nós damos mais valor, é mais do que certo, ao programa melhor executado e isto explica-se porque nada nos vale uma execução literalmente falha, cheia de erros e lamentavelmente inconcebida, apenas, inédito.

Óra, opinamos que a boa execução, mesmo que se circunscreva a obras já um tanto conhecidas, é preferível do que ouvir obras muitas das vezes quasi que irreconhecíveis pelo autor, se ele tivesse a desdita de estar presente. O ineditismo, quando praticado sem o devido escrúpulo, perde a razão de ser.

Voltemos, enfim, ao Festival. O coro, composto de 120 vozes, apresentou-se coeso, numa unidade absoluta, perfeitamente

maleável, produzindo nuances difíceis, numa elasticidade refinada. O prof. Ream, conseguiu com ingentes esforços, apresentar um conjunto de vozes que no seu gênero ocupa lugar proeminente em nossa vida musical.

ANA STELA SCHICK

Quantas vezes uma jovem artista, apenas no limiar de um brilhante futuro, nos pode proporcionar momentos da mais alta musicalidade. Quantas vezes!

Estas palavras como um julgamento, ecoaram em meus ouvidos após a execução daquele lindo Concerto em Dó, de Beethoven, executado magnificamente pela pianista Ana Stela Schick, no sarau promovido pelo Departamento Municipal de Cultura, a 28 de Outubro passado, tendo regido o M.^o Camargo Guarnieri.

Ana Stela Schick é uma jovem pianista que dentro de algum tempo ainda, irá colher as palmas merecidas para a sua arte, dado o seu temperamento musical admirável e sua técnica bem acabada. A interpretação do Concerto de Beethoven, foi felicíssima. Uma das razões pela qual a jovem artista pode assimilar com tanta precisão o pensamento beethoveniano, foi a sua idade tão pouca quanto era a de Beethoven ao rabiscar e compôr, finalmente, esse notável Concerto. Aquela dialoga-

ção toda, entre orquestra e solista, nada mais do que uma conversa expansiva e apaixonada de um coração, que, arrebatado, amou largamente, traduzindo seus anseios, ora serenamente, ora com grandiloquência.

O público numeroso, exigiu extras da talentosa artista, à qual prodigalizou justificados aplausos.

SOCIEDADE BACH

A Sociedade Bach de São Paulo, prosseguiu neste mês em sua louvável iniciativa de divulgar as obras de J. S. Bach, realizando a 13, no Clube Piratininga, mais um dos seus importantes concertos.

Tomou parte nesta realização o conhecido Quartetto Haydn, composto pelos ilustres artistas Gino Alfonsi, Anselmo Zlatopolsky, Amadeu Barbi e Calixto Corazza. O concurso do Quartetto Haydn deu grande importância a este sarau, dada a compreensão excelentemente artística a que atingiram os seus componentes numa homogeneidade sonora absoluta. Assim, com esse critério, ouvimos: Quartetto em lá maior, de P.E. Bach, e obras de J. S. Bach.

Participou, ainda, do programa, a contralto Hertha Beinhauer, de bela voz e feliz interpretação.

Encerrou o concerto o grupo vocal da Sociedade, sob a direção do M.^o Braunwieser, que denotou muita plasticidade.

RICARDO ODNOPOSOFF NA S. CULTURA ARTÍSTICA

O conhecido violinista Ricardo Odnoposoff, após a brilhante série de recitais dedicados às Sonatas para violino e piano, de Beethoven, que coadjuvado pelo eminente pianista patricio Souza Lima, dedicou aos sócios da S. Cultura Artística, realizou mais um grande concerto, acompanhado ao piano pelo excelente artista Fritz Jank, ainda, promovido pela S. Cultura Artística.

O Teatro Municipal nessa noite aco-

lheu uma numerosíssima assistência ávida por ouvir mais uma vez as execuções desse festejado "virtuoso". Odnoposoff possui dentre outras admiráveis qualidades de artista, uma execução refletida e uma técnica apuradíssima. Não só executa os trechos mais difíceis como completa-os com segurança rítmica e um nuançar perfeito.

Odnoposoff executou, ainda, muitos extras, sempre ovacionado com entusiasmo e interesse pelo numeroso público.

MIECIO HORZOWSKY

Este notável pianista que São Paulo de longa data admira, apresentou-se duas vezes neste mês, por meio do Departamento Municipal de Cultura. Na primeira participou com orquestra sob a regência do ilustre M.^o Torquato Amore, e, na segunda, em concerto seu, exclusivamente seu, tanto pelo programa como pelo domínio que exerceu sobre o numeroso público que acorreu para ouvi-lo na tarde de 15 do corrente.

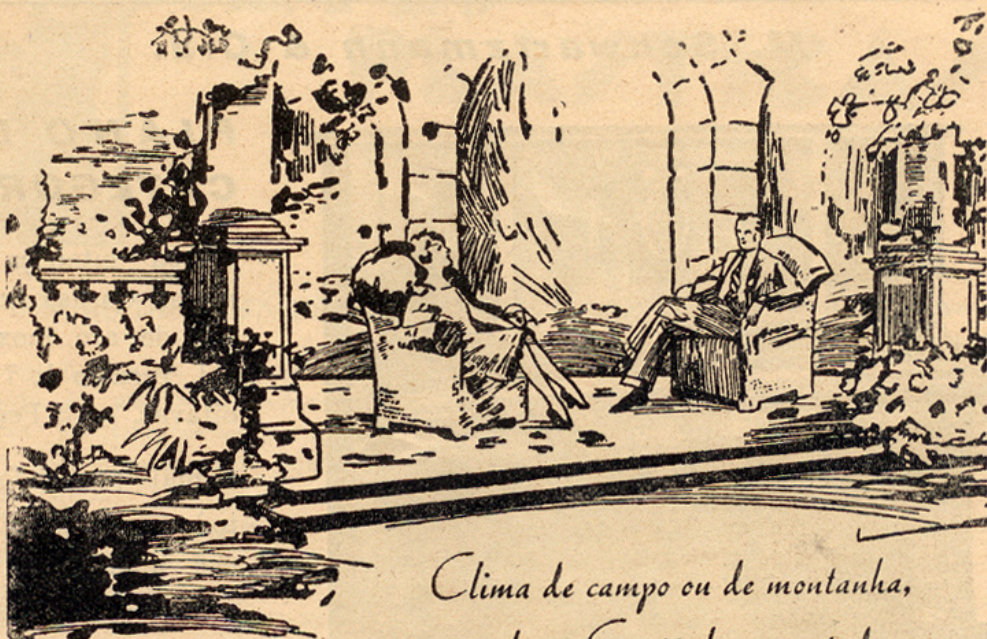
Miecio Horzowsky é um desses artistas que eletrizam pela espontaneidade da interpretação e pela técnica de uma cristalinidade encantadora, cujo "perlé" é notável.

Utilizando com facilidade esses prediados Horzowsky executou de modo sensato uma Sonata, de Beethoven, com singelo lirismo, várias obras de Chopin. Horzowsky é um mestre consumado e sua arte é irrepreensível porque independe de quaisquer outro influxo a não ser o seu próprio, de todo íntimo.

O público não negou aplausos ao eminente artista, do qual exigiu diversos extras.

(Continua na pág. 23)

● Ao contrário da crença geral, a música da "Internacional", o hino dos comunistas, não foi composta por um russo, mas sim por um francês, Eugene Pottier, que por sinal abjurou o comunismo.



Inscrições Ns. 8, 11 e 14, nas 24, 44 e 54 Circ.

*Clima de campo ou de montanha,
em plena Capital e com todo o
conforto das grandes cidades, só no*

*Jardim — América
ou no
Pacaembú*

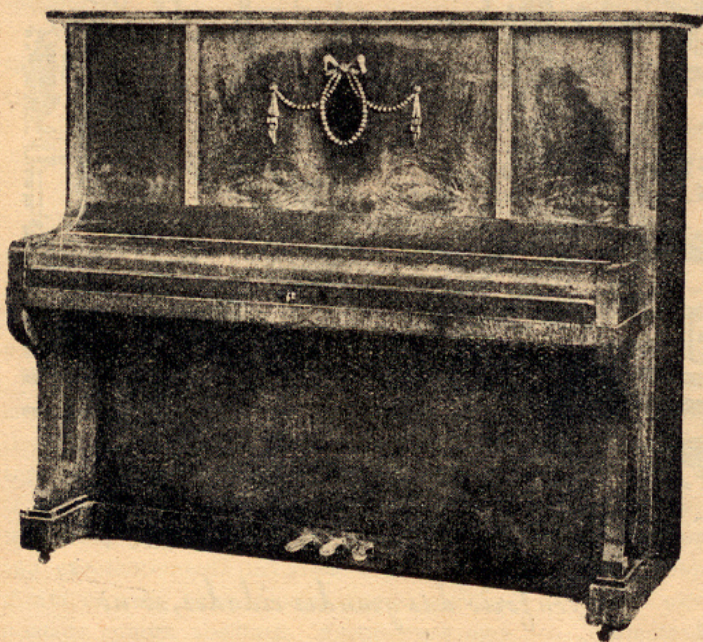
*— as duas maravilhas de urbanismo
da metrópole paulista.*

COMPANHIA CITY

A maior organização imobiliária e urbanística da América do Sul, estabelecida em S. Paulo desde 1912.
89, RUA LIBERO BADARO

FABRICA DE PIANOS

M. Schwartzmann & Cia.



PIANO DE CATEGORIA

Chapa inteiriça de metal. Cordas cruzadas de aço inoxidável. Teclado de 7 1/4 oitavas. — 3 Pedais.

O mais preferido em todos os lares. Façam uma visita ou escreva-nos. Avenida Agua Branca, 524
S. PAULO

Indicador Profissional

Clovis de Oliveira

— Piano —

Rua D. Eliza, 50 (Perdizes) — Fone: 5-5971

Ernesto Kierski

Artista Lírico e Prof. de Canto, Teoria e
— Harmonia —

Rua Major Diogo, 239 — Fone: 2-0180

Franco Cenni

Prof. de Desenho e Pintura

Rua Pe. João Manuel, 693 — Fone: 8-3109

Isaias Savio

— Violão —

End. prov.: Rua Sta. Efigênia, 714 — ap. 3
Das 13 às 20 horas

Hans-Joachim Koellreutter

Harmonia — Composição

Rua Cons. Crispiniano, 79, 8.º andar, sala 84

Maria Luiza de Azevedo

Violino e Viola

R. Xavier de Toledo, 71, 3.º, s. 302, Fone 4-8922

Ondina Bonora de Oliveira

— Piano —

Rua D. Eliza, 50 (Perdizes) — Fone: 5-5971

Samuel Archanjo dos Santos

Piano — Harmonia — Teoria

Alameda Barão de Piracicaba n.º 830

Angelo Gayotto

— Cirurgião Dentista —

Consultas das 9 às 11 e das 2 às 5 hs.
R. João Bricola, 10 - 5.º, - s. 534-535
Fone: 2-3314

Augusto Perth

Técnico afinador de pianos

Rua Mato Grosso, 412 — Fone: 5-3710



ARTES PLÁSTICAS

Marco Benni

A EXPOSIÇÃO DAS “MAQUETES”

Na praça Ramos de Azevedo acha-se franqueada ao público a exposição das “maquetes” participantes ao concurso para a ereção de um monumento equestre ao Duque de Caxias.

Vinte projetos estão despertando os mais animados comentários nos inúmeros visitantes, porém, a nosso ver, há dois projetos que se impõem como trabalhos de grande vulto, pertencentes a artistas de escol. — O monumento, a ser erigido no Largo Paisandú, apresenta sérias dificuldades pela configuração da praça, obrigando os artistas concorrentes à severa procura de uma solução arquitetônica satisfatória.

Depois de efetuado o julgamento, analisaremos com vagar os principais trabalhos expostos, externando nossa opinião a respeito, coisa que deixamos de fazer desta vez, por razões óbvias.

MARIA ELISABETH WREDE

No catálogo desta exposição lemos, de Paul Valéry — “La plus grande liberté nait de la plus grande rigueur”.

Que M. E. Wrede submeta os seus invulgares dotes de habil desenhista a um dos mais intransigentes, é coisa reconhecida por qualquer visitante da Galeria Superior de “Casa e Jardim”.

Nos seus retratos, os cabelos são desenhados e sombreados com a mesma atenção dispensada a outros elementos de capital importância expressiva, enquanto, um

colar ou qualquer outro elemento acidental não escapam à febre analisadora da artista.

Parece-nos, porém, que tudo isso nada tem de “livre”, tecnicamente falando. — “Livres”, a nosso ver, e sem a menor intenção de estabelecer um paralelo, podem ser considerados os “gouaches” de um De Fiori, ou mesmo suas telas. — O aforismo do Snr. Paul Valéry não deixa de ser, portanto, uma brilhante expressão literária... e nada mais.

Afinal, livre ou menos livre, a arte deve ser, antes de mais nada, a manifestação sincera de um temperamento. — Ve-se logo que o temperamento de M. E. Wrede não é dado a divagações modernistas, mantendo-se fiel a umas tantas regras básicas que estabelecem um parentesco evidente entre todos os retratos expostos. — A perfeição do desenho, a rigidez do traço e a constante preocupação realística, na maioria dos casos acabam sacrificando o impeto de uma emoção improvisa e sincera.

As paisagens (muito particularmente um panorama do Rio, e algumas impressões das ruas de Rhodes) deixam a artista mais à vontade, mostrando que seu traço, quando mais despreocupado, sabe adquirir uma força expressiva de rara beleza.

SEPAREMOS O TRIGO DO JOIO

Não há muito tempo referimo-nos nesta mesma secção a certos indivíduos inescrupulosos, que se dedicam à rendosa indústria da falsificação de obras de pintores mais ou menos prestigiosos no estrangeiro.



Livio Abramo — Vila do Braz

Copistas habeis, desses que alugam o seu pincel por dez réis de mel coado, prestam-se a executar copias mais ou menos felizes de quadros de autoria de pintores conhecidos no exterior, cópias essas que são vendidas como obras primas originais, por bom preço, a colecionadores ingênuos.

E, quando, mais tarde, o proprietário de um desses quadros “celebres” vai mostrá-lo orgulhosamente a qualquer entendido no assunto, fica sabendo então que fora ludibriado, adquirindo por elevada quantia uma relez cópia, semelhante a outras muitas existentes no país.

Agora, apareceu uma nova praga: são os pintores que executam seus quadros no atelier, copiando-os de revistas estrangeiras.

Ainda há dias, manuseando um exem-

plar de “L’Illustration Française” nele deparei com um “cliché” intitulado “Les Voici Au Rivage!”. Essa gravura, copiada, figurou ainda recentemente numa exposição realizada nesta capital, na qual havia outras cópias apresentadas como trabalho original executado “in loco”.

Esses “pintores” são como certos escultores, que sómente o são nos respectivos cartões de visita, pois assalariam verdadeiros artistas plásticos para executarem obras originais ou plagiadas de monumentos estrangeiros, que os patrões assinam...

De tudo quanto acima foi dito, devemos concluir que é preciso separar o trigo do joio...

E. A.

(Diário Popular de 5-XI-941)

A PREFERIDA

Formidável concurso gratis!

SORTEIO — 31 DE DEZEMBRO

Outra Casa de 30 Contos

Não rasgue o bilhete branco.
Troque-o pela chave-coupon!

Direita, 2 e filiais

**AURO SOARES DE
MOURA ANDRADE**

ADVOGADO

Largo da Misericórdia, 23, 10.º andar,
salas 1004/6 — Fone 2-5730 (Edifício
"Ouro por São Paulo") — S. PAULO

Augusto Perth

Técnico e afinador de pianos das maiores
celebridades mundiais que têm
visitado São Paulo

RUA MATO GROSSO N.º 412
FONE: 5-3710 — SÃO PAULO

Marmoraria Carrara

GRANDE DEPOSITO E TRABALHO DE MARMORES EXTRANGEIROS E DE
GRANITOS NACIONAIS — EXPOSIÇÃO DE ARTE FUNERARIA E DE OUTROS
— TRABALHOS ARTISTICOS —

Nicodemo Roselli

R. 7 DE ABRIL, 87-101 — CAIXA POSTAL, 4263 — TEL. 4-5009 — SÃO PAULO

Alberto Nepomuceno

Do "Botucatú-Jornal"
5/10/1941

ALFREDO FRANKLIN DE MATTOS
Catedrático de Música, por Concurso
da Escola Normal Oficial.

No dia 16 dêste mês o Brasil culto homenageará a passagem do 21.º aniversário do falecimento da saudoso maestro brasileiro Alberto Nepomuceno.

Nasceu êsse ilustre artista em Fortaleza, capital do Ceará, a 6 de julho de 1864 e faleceu no Rio de Janeiro a 16 de outubro de 1920.

Espírito finíssimo, coração amoldado às mais acrisoladas virtudes, Nepomuceno foi compositor, pianista, organista e professor dedicado.

Muitas vezes se fez ouvir publicamente como pianista e organista, destacando-se, porém, dentre os grandes músicos nacionais, como um notável folclorista.

Estudou em Roma com o célebre Eugenio Terziani (pai), discípulo de Mercadante, e com Cesare de Sanctis, professor e compositor, discípulo de Baini, e autor de um Tratado de Harmonia. Na Alemanha estudou Nepomuceno com Heinrich von Herzongenberg, notável contrapontista e sinfonista, falecido em 1900, com Arno Kleffiel, organista, e com o pianista Ehrlich.

Ainda na Alemanha, o Governo brasileiro nomeou-o catedrático do antigo Instituto Nacional de Música, hoje Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil e de cujo estabelecimento foi diretor. Mas, antes de seu regresso à Pátria, êsse nosso patricio seguiu para Paris onde se aperfeiçoou como organista com o famoso Guilmant (Felix Alexandre), falecido em 1911.

Caracter profundamente nacionalista, o

maestro Nepomuceno manteve o seu entusiasmo pelas cousas de nossa terra e das suas tradições, porém, êsse seu grande patriotismo lhe acarretou inúmeros dissabores e inimigos. Não obstante a intransigência dos espíritos impatriotas, Nepomuceno prosseguiu na sua afirmativa de que as músicas brasileiras deveriam ser cantadas com texto em vernáculo, porque a língua nacional era tão própria quanto as demais néo-latinas então empregadas nos cantos, com visível descaso para a formação de nossa Pátria.

Compositor fecundo e inspirado, escreveu "Abul", ação lendária em 3 atos e 4 quadros; "Artémis", episódio lírico em um ato, letra de Coelho Neto. SÉRIE BRASILEIRA: "Alvorada na Serra", "Intermédio", "A sêsta", "Na rede", "Batuque". — CANÇÕES: "As Uyáras", lenda amazônica sobre o texto do Dr. Mello Moraes Filho; "Medroso de amor", "Madrigal", "Coração Triste", "Filoméla". CANÇÕES: 2.º volume: — "Sonhei", "Canção de amor", "Xácara", "Oração do diabo", "O sono", "Dolor Supremus", "Soneto". — Compôs "O baile na flôr", "Coração indeciso", "Olha-me?", etc.

Escreveu ainda, para canto e piano, em francês, "Le miracle de la semence", trágico-poema de Jacques d'Avray, pseudônimo do Dr. Freitas Valle; "Oraison", "Les yeux élus", sobre a poesia de H. Piazza.

Além de outras músicas para canto e piano, compôs cantos sacros com acompanhamentos de harmonium e órgão; escreveu para

instrumentos de arco e para grande orquestra, destacando-se o magnífico Prelúdio intitulado: "O Garatuja", sobejamente conhecido nos meios sinfônicos.

N. da R. - A Escola de Aplicação, de Botucatu, dirigida pela Sra. Profra. D. Edith de Oliveira, organizou trabalhos escolares relativos à individualidade de Alberto Nepomuceno, a-fim-de que as crianças pudessem prestar seu culto cívico e artístico a um dos músicos que mais trabalharam pela nacionalização do canto em idioma português. Para esse fim a Sra. Profra. Aparecida Dias se prontificou a elaborar teses que foram apresentadas, pelas crianças dos terceiros e quartos anos primários, nas aulas de Português a seu cargo naquele curso.

Em prosseguimento, realizou-se no anfiteatro da Escola Normal, um festival de arte, durante o qual foram executadas composições do saudoso mestre, cujo retrato ornamentado com flôres e com a bandeira nacional, estava colocado no recinto.



● Recentemente, no Chile um poeta enviou ao diretor de uma revista literária sua obra intitulada "Por que vivo?"; e que o diretor lhe devolveu o manuscrito com esta nota: "O senhor vive porque teve a prudência de me escrever em lugar de vir pessoalmente".

* * *

● Dois sons podem ser produzidos de tal maneira que um neutraliza o outro, dando em resultado o silêncio; e que o mesmo pode acontecer com dois raios de luz, dando em resultado a escuridão.

Microfone

Genésio Pereira Filho

RADIO IDEAL — Está apresentado aos leitores de RESENHA MUSICAL a Emissora Ideal. Uma estação ideal será aquela que apresente certos programas, selecionados entre todos das nossas emissoras. Ainda no presente número a relação sai incompleta. É claro. A escolha é difícil e irá sendo completada aos poucos. Todos os gêneros de programas devem ter guarida na RADIO-IDEAL, desde a música popular até à fina. Peço o auxílio dos leitores de "Microfone", que poderão escrever-me. Cada indicação corresponderá a um voto dado a esses programas.

7,30 hs. — "Programa Despertador" — locutor: Murilo Antunes Alves — PRA-5.

8,30 hs. — "Programa Paraventi" — locutor: Fauzi Carlos — PRB-6.

9,30 hs. — "Nov'arte" — PRG-9.

10 hs. — "Programa de Arte" — locutor: Rebelo Junior — PRF-3.

10,45 hs. — "Cuba-mania" — PRE-7.

11 hs. — "Danúbio Azul" — locutor: André Vicente Garcia — PRE-7.

11,30 hs. — "Breve e Leve" — locutor: Rebelo Junior — PRF-3.

18 hs. — "Hora de Arte Universal" — locutor: Lourenço Amadeu — PRH-9.

18,45 hs. — "Artistas e Orquestras Célebres" — locutor: Aristides Cerqueira Leite Junior — PRA-5.

22 hs. — "A Música através dos Séculos" (2.as e 5.as feiras) — PRH-3.

22,30 hs. — "Hora Doce" — locutor: Alvise Assunção — PRE-4.

23,30 hs. — "Programa oferecido por Biotônico Fontoura" — PRE-4.

Correio do Rio

EURICO NOGUEIRA FRANÇA

(Especial para "Resenha Musical")

Os últimos concertos realizados no Rio de Janeiro, nesse final de estação, não têm suscitado atividade crítica. O fenômeno é tanto mais digno de nota quando verificamos que as audições se sucedem e que nada menos de três orquestras sinfônicas (alem da "Pró Música" a que já me referi em crônica anterior) procuram despertar, esporádica ou permanentemente, o interesse do público.

Na realidade, a maioria desses concertos sinfônicos não fornece ensinamentos que possam ser aproveitados. A Orquestra Sinfônica Brasileira, por exemplo, que é de função estavel, nos dá comumente execuções pouco trabalhadas, de baixo nível artístico e que mais se assemelham a uma simples leitura. Radiofonicamente, então, a O. S. B. torna-se um campo experimental de regência, não raro funesto, onde atua, entre outros, o sr. Eleazar de Carvalho, às voltas com a Sinfonia "Pastoral", ou quejandos monumentos sinfônicos. Eu pediria a essa orquestra as simples virtudes humanas da musicalidade e do labor silencioso. Mas o que existe de fato na O. S. B. é apenas a entidade, que precisa sobreviver, a todo o custo. Os músicos não cantam. E a música, portanto, ainda menos.

Enquanto isso, a Orquestra do Teatro Municipal, a quem compete a Temporada Lírica, apresentou-se, ultimamente, como orquestra sinfônica, sob a regência de Spedini. A O. S. B. havia contratado o grande pianista Mieczysław Horzowski para tocar o *Concerto* em si bemol, de Beethoven, deno-

minado "Imperador". Na semana seguinte a Orquestra do Teatro Municipal apresentou a extraordinária pianista Maryla Jonas, a qual executou, ainda de Beethoven, o *Concerto* n.º 1, em dó maior. Essa orquestra do nosso principal teatro lucrou, extraordinariamente, com a presença insigne do Maestro Alberto Wolff, no começo do ano, realizando uma pequena série de concertos sinfônicos e dirigindo-a, também, em algumas récitas, durante a temporada lírica.

Outra orquestra que ainda cumpre referir é a intermitente "Sociedade de Concertos Sinfônicos do Rio de Janeiro", cuja denominação possui valor histórico e batizava a tradicional entidade do Maestro Francisco Braga, já desaparecida, no entanto, havia anos. Não há muito retornou à existência e assim se explica que a novel orquestra, através de apresentações tão intervaladas, possa ter realizado os seus 204.º concertos. Estes se verificaram sob a regência do sr. Carlos de Almeida mas, se a orquestra conseguiu revivescência, os autores apresentados (Mozart e Beethoven) não tiveram, infelizmente, a mesma sorte. Ainda aqui, não um, mas dois pianistas, Mário de Azevedo e Arnaldo Rebello é que recolheram a maior parte dos sufrágios da platéia, executando, com a orquestra, no 204.º concerto, em primeira audição, o "Carnaval dos Animais", de Saint-Saenz. Trata-se de obra infinitamente graciosa — sonora Arca de Noé, onde são retratados, juntos aos outros bichos, os próprios pianistas, mas bisonhos ainda, na fase inicial dos exercícios técnicos. A brincadeira de

Saint-Saenz, que integra esses deliciosos quadros sinfônicos, não possui, aliás, cunho satírico e é pura efervescência do "Champagne".

A Sociedade Pró Música, cuja existência foi esboçada, ligeiramente, no último "Correio", não se pode abalar, por outro lado, às grandes realizações sinfônicas. É uma pequena orquestra, com algo de amadorismo em sua estrutura. Mas dispõe de arcos excelentes e lucrará, por isso, em se definir, de maneira definitiva, como orquestra de câmara.

A mesma Pró Música ofereceu, aos seus associados, no mês de novembro, um concerto de dezesseis violoncelos, dedicado a Bach e Villa Lobos, que merece registro particular. Constaram, do programa, transcrições do "Clavecin bien temperé", de Bach, e as "Bachianas Brasileiras", n.º 1, de Villa Lobos.

Será essa primeira "Bachiana" uma das mais belas obras até hoje já escritas por um músico brasileiro. Na multiplicidade dos seus planos canôros e na força expressiva dos acentos se expandem a sentimentalidade e o instinto raciais. Compõe-se de três partes: — Introdução (embolada), Prelúdio (modinha), e Fuga (conversa). A Embolada e a Modinha são dois grandes acertos da música artística brasileira, no que se refere à forma, ao caudal melódico e ao ambiente contrapontístico. E, na Fuga, Villa Lobos procura deliberadamente a universalização, através dum molde que diríamos acadêmico, se ele não o manejasse, entretanto, com inteira liberdade. Em sua execução recente, como na primeira audição, há três anos, que também se verificou na "Pró Música", tomaram parte Alfredo Gomes, Iberê Gomes Grosso, Nelson Cintra, Newton Padua, e outros artistas. O Maestro Guarnieri, obra neste último concerto. Naquela época — 1938 — a obra foi dirigida pelo próprio autor e se achava escrita, então, para oito violoncelos.

LENE WEILLER BRUCH E HANS BRUCH

(Conclusão da pág. 14).

A Sociedade Filarmônica a cuja atividade musical, São Paulo deve boa soma de realizações artísticas valiosas, apresentou a 17 do corrente, os brilhantes pianistas Lene Weiller Bruch e Hans Bruch.

Não é a primeira vez que esses artistas se apresentam ao nosso público em execuções a dois pianos, razão porque muito interesse causou este novo recital. Lene e Hans Bruch quasi que, já se identificaram nessa difícil arte de conjunto, quasi que se aperfeiçoaram. O "quasi" é como que uma infalível e imprescindível palavra ao que falta alguma coisa. E precisamente neste caso, faltou mais unidade, precisão rítmica, principalmente demonstrado nos ataques de acordes. Foi este fator que prejudicou em parte a audição de Max Reger. Mas esse detalhe não tirou a magnífica impressão da execução integral do programa muito bem organizado.

A Lenda Sertaneja, n.º 7, de Mignone, e a Suite em do maior, n.º 2 e opus 17, de Rachmaninoff foram as peças que evidenciaram maior compreensão pianística desses dois ilustres pianistas. Os solos executados pelo sr. Hans Bruch, todos escolhidos dentre as valiosas páginas de Debussy, patentearam mais uma vez a sua compleição pianística.

— A Filarmônica apresentará a 26 do corrente o grande pianista Heinz Jolles, no Teatro Municipal.

● Mr. Nicholson, engenhoso papai norte-americano, inventou para seu bebê um berço-balanço ao qual adaptou uma caixa-nha-de-música; e que, quando "baby" Nicholson está inquieto e sacode o berço, automaticamente funciona o aparelho musical, ouvindo-se então uma canção embaladora que não demora a adormecer a criança.

O Fabulista da Tela

Reportagem de GENESIO PEREIRA FILHO

I

Fuga dos ídolos — Um tabú desfeito — Sossinho, Walt Disney é qualquer coisa sem alma — O papagaio foi contratado e brigará muito com o Pato Donald — Um dedo de prosa com o creador de Mickey Mouse.

How do you do Mr. Disney! — Afinal entrou Walt Disney, sob uma salva de palmas. Meus olhos caíram sobre ele, um tipo simples, risonho, nem rapaz nem velho. Deixou de ser um tabú para meus olhos, os mesmos olhos que se têm encantado com os seus desenhos e que, nesse momento, fixava o grande artista.

Eu sempre preferi fugir ao conhecimento pessoal daqueles a quem admiro. Prefiro tê-los na imaginação, numa imagem decorrente das fotografias ou, se o meu admirado é de

cinema, não possuí-lo a não ser como o vejo na tela. Não sei explicar a mim mesmo a razão disso. Talvez temôr de uma desilusão, ou medo de que se despedace a estátua mármorea que cada um tem em mim.

E o interessante é dizer que, na maior parte dos conhecimentos pessoais que tenho tido, os apresentados foram além do desejado e de muitos sou hoje amigo. Entretanto, o lado negativo exerce maior influência sobre o espírito humano, assim como mais facilmente nos tomamos de um mau vício do que de um bom. E a desilusão que alguns ídolos me pregaram, talvez seja a culpada do que hoje se passa comigo.

Quando alguém entra na admiração da gente — todo fan estará comigo — fica como que envolto numa névoa de divindade. Damos-lhe uma perfeição que só Deus teria. E Deus é invisível. Ora, como nosso deus, esse

Dr. Fernando Costa, DD. Interventor Federal de São Paulo, assiste a "première" de FANTASIA.





Chegada de
Walt Disney a
São Paulo.

alguem também deveria esquivar-se a qualquer apresentação aos seus admiradores. Em algumas vezes a pessoa "que pensa", "que age", "que conversa", é a que nos desilude. Noutras é a pessoa física a que não corresponde ao nosso desejo.

Ora — naquela tarde de 26 de agosto, num "cocktail" à imprensa paulistana, na Esplanada — Walt Disney, que encheu muitas horas da minha meninice com as aventuras de Mickey Mouse, de Pluto, da vaca e do cavalo, que "O Tico-Tico" publicava semanalmente; o Walt Disney que me cativou, já na minha mocidade, com "Branca de Neve e os Sete Anões", com "Pinóquio" e muitos outros desenhos, — naquela tarde de 26 de agosto deste ano, ele surgiu diante de mim como um homem comum; um homem de carne e osso, sorridente e cordial.

Como faria qualquer homem que me apresentassem, apertei-lhe a mão; e como procederia com qualquer americano, disse-lhe: "How do you do?"

E Walt Disney sosinho é qualquer coisa sem alma; quando ele surge, a gente espera — quase chega a vêr — que logo depois venham a chamá-lo, a pular-lhe nos ombros, a segurar-lhe nas mãos, Mickey Mouse, Pluto, o Pato Donald... E como muitas vezes não se acredita na morte de um amigo, também não se quer convencer que Walt Disney nos surja sem Branca de Neve, sem Dunga, sem Pinóquio... E naquela tarde de agosto, atrás do desenhista, do corredor do primeiro andar da Esplanada algumas vozes conhecidas pareciam gritar:

— Mr. Disney! Espera que já vamos!

PIANOS DE QUALIDADE

Compra e Venda

Casa ALBINO DE MORAIS

RUA BARÃO DE PARANAPIACABA, 69 — TELEFONE 2-5093

A CASA QUE VENDE OS MELHORES PIANOS

O papagaio brigará com o Pato Donald

— Walt Disney, rompendo a custo, entre os presentes, um caminho, senta-se e vê-se logo rodeado pelos jornalistas. Estes, bons porque-meufanistas, perguntam-lhe imediatamente sua impressão sobre o Brasil.

E a resposta veio, já quasi na boca de todos os visitantes e também quasi adivinhada pelos inquiridores: um país maravilhoso; o Rio de Janeiro encantador pela sua natureza; São Paulo surpreendente pelo seu dinamismo e pelo seu ar já quasi ciclópico. Não foi atôa que Stefan Zweig disse que aqui há arranha-céus como em qualquer grande cidade dos outros continentes.

O Brasil, pela sua fauna, pela flora, pelo conjunto lendário, pela natureza, etc., ser-lhe-á uma grande fonte de inspiração.

E o papagaio, famoso há muito entre nós, foi apresentado a Disney. Contaram-lhe quasi todas as piadas que correm por aí sobre o "bichinho". (Imagine-se o que lhe narraram...). E o resultado é que o papagaio está

contratado pela R.K.O., para os desenhos de Walt.

A uma pergunta respondeu o famoso desenhista:

— Em muitas piadas o papagaio é filósofo. Mas êle vai brigar com o Pato Donald, os dois hão de lutar muito... E o papagaio será mais inteligente. Ambos são excessivamente palradores; nas brigas tudo se arranjará entre êles, diz o desenhista sorrindo.

(Mas um jornalista intervem: — Ah! O "bichinho" há de vencer sempre...).

Disney afirma:

— Os desenhos do papagaio serão gravados em português, com legendas em inglês para os países anglo-saxões. Talvez grave copias em inglês. Neste caso, o papagaio falará inglês...

O creador de Pluto diz ainda ter apreciado muito a música brasileira e que levaria para a América do Norte uma boa seleção.

(Continúa)

NOVIDADE!
Quertzodont
CREME DENTAL LIQUIDO
NAS FARMÁCIAS, DROGARIAS,
PERFUMARIAS, ARMARINHOS -
E NAS FARMACIAS CATEDRAL:
PRAÇA DA SÉ, 152 E LARGO 7 DE SETEMBRO, 30



A mulher e a Arte

Alfredo Pimenta

— Lisboa —

Falar sobre a mulher em geral é tarefa que exige as delicadezas, os cuidados, as subtilidades elegantes que deve quando se trata um assunto relicado, milindroso e sutil. Não pôde deixar-se aos acasos caprichos da improvisação, ainda que a confiança que esta nos mereça seja infinita. A mulher não se trata de improviso, na inconsciência do entusiasmo, no fogo ardente de uma inspiração de instinto, espontânea e irrefletida. Não! A mulher trata-se com carinhos estudados e leves, com atenções calmas e concientes, com a atenção religiosa com que se cuida a graça de uma flor e o encanto de um perfume. A mulher é uma obra de Arte. Quem a creou, quem a imaginou, quem a realizou, pôs na sua canceira a máxima divinização do sonho, o mais espiritual requinte da inspiração. Na graça ondulosa das suas linhas, no mistério perfeito da sua sensibilidade; na divina sedução dos seus caprichos; na singularidade excepcional do seu poder; na invencível força das suas lágrimas e no *coquettismo* maravilhoso do seu sorriso, quem a creou, quem a concebeu quem a realizou, fundiu todos os recursos da Beleza, todos os encantos da Graça, todos os mimos da Elegância, todas as espirituais *nuanças* da Cór, todas as evocativas sugestões do Som, todas as dominadoras ondulações da Forma — e fê-la, obra de Arte suprema — Madona de Altar, Princesa da Côte, prendendo-nos pela ternura do seu misticismo, ou cativando-nos pelo esplendor da sua grandeza...

Como discorrer, pois, sobre a mulher em

geral, de improviso, à mercê da idéia que provoca a idéia, da palavra que sugere a palavra? Fazê-lo seria correr o risco de quebrar nos meus dedos que se adormecem, enlevados e voluptuosos, ao beijarem a pela fina e fria do mármore, — seria correr o risco, repito, de quebrar nos meus dedos a pequenina estátua tanagrica, ou manchar com o som perdido da minha voz a dolência enternecedora da canção viva que é a mulher.

E si formos a tratar da mulher na Arte, a necessidade do cuidado é maior ainda, porque se a mulher é uma obra de Arte, a mulher artista é um sonho de Deus...

Falar da mulher artista, da mulher na Arte, impõe a mesma excepcional delicadeza com que tomamos nas mãos o exemplar único de um cristal lavrado, o exemplar único de cristal de maravilha, que pode muito bem ser aquela taça da Foscarina de D'Annunzio, a qual era tão bela, que ninguém podia dizer a sua beleza, "nem numa palavra, nem em mil palavras".

Ante a beleza, só sei dizer: "é belo!" — Ante a beleza, não improviso: admiro, adoro, sinto.

E pouco a pouco, no silêncio concentrado da minha admiração, vou juntando as palavras exteriorizadoras das minhas impressões, emendando, aperfeiçoando o meu labor, para que a obra representativa das minhas emoções saia, se não digna da obra amada, ao menos digna do amor com que a amei.

Falar improvisadamente da mulher na Arte é um sacrilégio, ou uma insensatez. Da mu-

lher na Arte, fala-se com emoção e doçura, com enternecimento e carinho...

Porque é juntar as duas únicas cousas que justificam a vida, com os seus sacrifícios e as suas dores, as suas desgraças e as suas desilussões, os seus calvários e as suas cruces, os seus infernos e as suas políticas: a mulher e a Arte. A mulher é a Arte feita vida; a Arte é a mulher feita Beleza. Ambas do sexo feminino, porque são sinónimos perfeitos da mesma idéia. Juntar a Arte e a Mulher é formular o motivo de um poema, é erguer o espírito às alturas máximas da Beleza, onde só as águias pairam, cheias de majestade e orgulho. Falar da mulher na Arte é entrar, de coração humilde e olhar humilde, na grande Catedral do Encanto, e, humildemente, ajoelhar ante aquela figura de sonho que nos perturba — e que tanto pode ser a Isolda de Wagner, bebendo o filtro diabólico do Amor, ou morrendo, entre soluços e flores, na saudade mística de Tristão — como a Salomé de Moreu, desfazendo-se em pedrarias líquidas, ou desmaiando na agonia mórbida da sua dança perfumada...

A Arte e a Mulher são as únicas cousas, teimo em dizê-lo, porque a vida vale a pena ser vivida... Nelas residem a Ilusão e a Esperança, o Estímulo e o Prêmio.

A Ilusão é o *décor* da vida; é o seu adorno, é o seu embelezamento. É a paisagem dos Poetas, dos Heróis e dos Santos.

A Esperança, filha predileta da Ilusão, é a eterna miragem da Mocidade, o eterno consolo da Velhice.

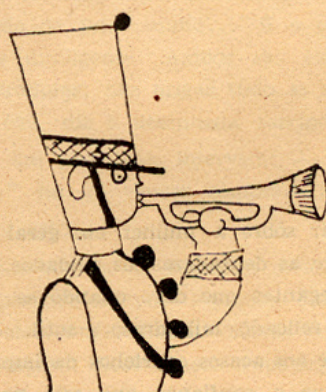
O Estímulo é a alavanca poderosa de todas as energias, a alma de todas as reações.

O Prêmio é a lágrima que acarinha, o beijo que comove...

Filhas do mesmo divino amor, a Mulher e a Arte sempre andaram juntas, porque sempre os dedos da mulher foram finos e débeis para tecerem a graça das rendas, e sempre a Arte foi sedutora e tentadora para vencer a mulher, ou dando elegância à linha do seu vestuário, ou, feita colar, abraçando-lhe o colo, ou espalhada em anéis, vestindo-lhe os de-

PASSAGEM DO BATALHÃO SINHO

— CLOVIS DE OLIVEIRA —
(para piano — duas mãos)



“A mais linda estilização dos nossos
batalhões infantis”

Nova Edição — Preço: 3\$000

Pedidos à Redação de “RESENHA
MUSICAL” ou às melhores casas de
música

dos... Eva, pecando, sacrificou à Arte, porque se deixou levar pela harmonia languida da serpente, e se deixou dominar pela cor rosada da maçã primeira.

E se o seu pecado pôde confranger-nos pelas laboriosas que nos impôs, não pode deixar de ser exalçado, pelo *quantum* de encantamento, de sonho, de beleza, de harmonia, que a par disso nos trouxe.

Perdoemos-lhe o mal que nos provocou, pela graça que nos ofereceu!...

E que, em todos os tempos, a Arte e a mulher andaram juntas e servindo-se mutuamente, ninguém o ignora — quem não ignora a evolução da Arte e a evolução do espírito da mulher.

A Arte grega quer simbolizar nas linhas corretas de uma Forma impecável a sua concepção suprema de beleza, e encontra na Venus de Milo a sua singular encarnação. A

Renascença deseja fixar na côr a característica especial das suas emoções, e pinta a Primavera florentina de Botticelli — o sobrepintor, e eterniza-se no mistério eterno do sorriso impertinente da *Gioconda* de Da Vinci.

A série das *Virgens* da Rafael é um hino augusto à mulher. E a *Piedade* de Miguel Angelo é a síntese de todas as dores...

Na decadência italiana, é a Santa Cecília, fazendo cantar e rezar sob os seus dedos magros e curvos, as teclas pálidas do órgão, que Carlo Dolci vai buscar o motivo superior da sua arte e a razão da sua existência na nossa memória. Nas *Virgens* de Murillo, nas *Majas* de Goya, a Espanha sacrifica à Beleza, deixando na tela a recordação viva da sua alma e dos seus nervos... E o Greco que nas figuras adoráveis do *Enterro do Conde de Orgaz* ultrapassara o gosto do seu tempo, não se deu por satisfeito em quanto não transmitiu vida à *Dama da Flôr*, de olhos tristes e mento fino...

Watteau fica pelas suas marquezas-pastoras; Boucher encanta os meus olhos pelo adormecedor encanto dos seus *Les Baigneuses*; e Fragonard pela "gavrocherie" das suas donzelas. Quem não conhece a *Rapariga* de Greuze ou *Mme. Récamier*, de David? A *Venus de Milo*, da Grecia, correspondeu o *Nascimento de Venus* de Cabanel.

Depois, vem os do nosso tempo: e é Puvis de Chavannes com sua *Santa Genoveva*,

figura de sonho, transparente como um sonho, fluida como uma sombra; e é Moreau e a sua *Salomé*, tentadora e soberana nas sua tentação, maravilhosa no seu luxo, ardentemente voluptuosa quando através a estética de Wilde, quasi bárbara e diabólica, quando se dilúe na orquestração de Richard Strauss.

São os perfis e místicos de Rossetti, e os símbolos femininos de Wats.

É a *Joanna d'Arc* de Chapu, e a feminilidade comovedora do *Baiser* de Rodin...

Sempre a mulher!...

E se eu quizesse falar das mulheres na Arte — como teria de empregar muito tempo e muito espaço para não esquecer todas as que à Arte deram o cuidado do seu espírito, a leveza das suas maneiras, o ondulante desenho do seu corpo, ou o aplauso delicado do seu gosto. Quantas teria de citar, desde essa minha querida Isabela de Este que passou no mundo, antes de mim, sem a esperança enganadora das ilusões, e sem o medo depressivamente das suas máguas, até essa nunca demais exaltada *Mme. de Pompadour*, ou à nossa *Duquesa de Palmela* que foi, numa época sáfara, de baixesas e ignomínias, estrela de ouro, perdida e rara.

Sempre a Mulher andou aliada à Arte, e por isso na Arte contemporânea ela ocupa primaciais lugares, e superiormente se mantém, digna da nossa admiração e do nosso culto.

Dr. Amaro Egydio de Oliveira Filho

CIRURGIÃO-DENTISTA

APARELHOS RAIOS X — DIATERMIA

RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 404 — 8.º andar — Fone 5-4471 — S. PAULO

VARIAS...

SOCIEDADE HARMONIA LIRA, DE JOINVILE

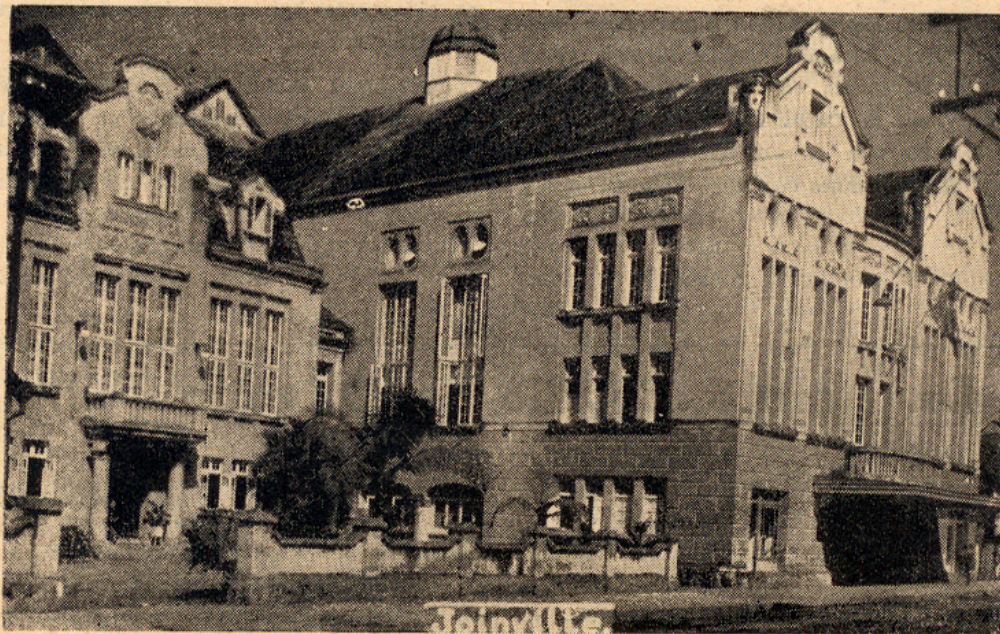
Esta importante sociedade, que mantém sob seus auspícios uma das poucas orquestras sinfônicas do país, realizou em comemoração à data da Proclamação da República, o concerto inaugural da nova fase artística, sob a direção do conceituado e jovem mestre, Maestro João Kaszás, cujo talento e valor, muito contribuirá para o desenvolvimento da arte musical naquele importante Estado da Federação. Do programa: Hino Nacional; Giuliani, Sinfonia em fá; Artur Pereira, Canção de Ninar; Haydn, Sinfonia em ré.

EURICO A. COSTA

Esse conceituado violoncelista brasileiro, realizou a 14 de novembro, na Escola Nacional de Música, o seu 17.º recital, acompanhado ao piano pela sra. prof. Eurico Costa.

"COCKTAIL" A IMPRENSA

A ilustre pintora Maria Elizabeth Wrede, ofereceu a 13 de novembro, no recinto de sua exposição, um "cocktail" à imprensa paulistana, tendo comparecido numerosos jornalistas e artistas. Representou RESENHA MUSICAL, neste ato, o seu Diretor, sr. prof. Clovis de Oliveira.



A ESQUERDA, A IMPONENTE SÉDE DA S. HARMONIA LIRA, DE JOINVILE

— **ARTUR PEREIRA**, nasceu em São Paulo, em 1896. Viveu na Europa em 1910-13 e em 1915-23. Formou-se no curso de composição do "Conservatório Reale di Napoli". Desde a sua volta da Europa é professor de harmonia e contraponto no "Conservatório Dramático e Musical de São Paulo". Figura constantemente no repertório dos intérpretes e das orquestras no meio musical brasileiro. Entre as suas numerosas composições destacam-se: canções (com acompanhamento de piano e orquestral), corais, uma ópera inacabada, Sonata para violino e piano, Estudos Brasileiros (para piano), Dança Brasileira, Interludio para um bailado infantil (para orquestra), adaptação orquestral das Sonatas-Scarlattianas, etc...

— É o autor do 1.º Estudo Brasileiro, para piano, e das peças corais: Cabocla Bonita e Capim na lagôa, todas publicadas no Suplemento de **RESENHA MUSICAL**, com grande sucesso.



HOMENAGEM

A 7 do corrente foi oferecido na "Diana", à estimada professora Gioconda Peluso, por suas alunas, um chá, em regosio pela passagem de seu aniversário natalício.

ALEXANDRE AFIPOGUENOV

Por ocasião de um dos recentes bombardeios alemães contra Moscou, morreu esse conhecido teatrologo russo, com 41 anos de idade, famoso pelas suas peças "Cedo", "Fáto Exquisito", "Mechesca", "Ponto longinquo", e outras.

SOCIEDADE FRANCA NA DE BÉLAS ARTES

Essa importante sociedade da culta cidade de Franca, movimenta-se ativamente no preparo do II Salão de Bélas Artes, que deverá inaugurar-se em 28 de Dezembro vindouro.

AUDIÇÃO MUSICAL

Realizou-se no dia 31 de outubro p., em Lins (Estado de São Paulo), uma audição musical dos alunos da conhecida e competente professora Fortunata C. Morato de Almeida.

HEINZ JOLLES

Esteve em visita à Redação de RESENHA MUSICAL, o grande pianista Heinz Jolles, diretor de "La Sonate", de Paris, solista dos Grandes Concertos Internacionais, atualmente em "tournée" pela América do Sul, tendo lavrado no livro especial de visitas, o seguinte termo: "Quelle joie de rencontrer un musicien, un ami, un artiste tel que le professeur Clovis de Oliveira. Merci-Obrigado!" (a) Heinz Jolles — 13-XI-1941.

ADOLFO TABACOW

Esse aplaudido "virtuose" do piano, realizou em Curitiba, Paraná, tres concertos com feliz sucesso.

MARILA JONAS

Promovido pela eminente pianista polonesa Marila Jonas, realizar-se-á no Rio de Janeiro, no 1.º trimestre de 1942, um grande concurso pianístico, no qual deverão participar os mais destacados pianistas brasileiros.

DR. CARLOS DA SILVEIRA

O nosso brilhante colaborador, dr. Carlos da Silveira, ilustre membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, esteve em visita a esta Redação, onde após palestrar com os diretores de RESENHA MUSICAL, deixou no livro de visitas, estas palavras de apoio e incentivo: "A RESENHA MUSICAL representa um esforço muito simpático, merecedor de toda a cooperação possível. Assim, pois, formulo para a interessante publicação os meus melhores votos. Parabens a Clovis de Oliveira e a sua dedicada colaboradora, d. Ondina, aos quais felicito sinceramente." S. Paulo, 11-XI-1941 (a) Carlos da Silveira.

MARCELLO TUPINAMBÁ

De Curitiba, onde realizou um notavel concerto de suas canções, regressou o ilustre compositor Marcello Tupinambá, tendo visitado a Redação de RESENHA MUSICAL, onde com palavras eloquentes se referiu ao progresso artístico de Curitiba, onde foi encontrar elementos de grande valor nas artes; usando sua própria expressão, "Curitiba é um ninho de arte, onde florescem artistas." Convidado a deixar suas impressões sobre esta Revista, deixou S. S., no livro de visitas, algumas frases que bem denota o apreço em que tem a RESENHA MUSICAL: "A RESENHA MUSICAL é um dos únicos centros onde se divulga e se trabalha no sentido de engrandecer a arte musical do Brasil." (a) Marcello Tupinambá — 4-XI-1941.

NOTÍCIAS DO MEXICO

Realizaram concertos na Capital do grande país amigo, o pianista francês Roberto Casadesus; o violinista Joseph Szgeti; Maria Tereza e Maria Antonieta Valázquez, dois pianos e orquestra, regendo o Maestro José F. Velázquez; Instituto Musical "Antonio Gomezanda", em homenagem a Paderewski; Academia João Sebastião Bach; pianista Susana Chaüvet; Ateneo Musical Mexicano, apresentando dentre outras obras, a "Sonata Fantasia", para piano e violino, de Hugo Conzatti — "Suite Impresiones", do jovem compositor Miguel C. Meza; ainda pelo Ateneo Musical Mexicano, um concerto dedicado à memória do compositor Gustavo E. Campa.

Agostino Cantú

REVISÕES DE PEÇAS PARA PIANO



FRANZ PETER SCHUBERT
(Lichtenthal, 1797 — Vienna, 1828)



JOHANNES BRAHMS
(Amburgo, 1833 — Vienna, 1897)

Valsas op. 9 n. 1, 2, 3 — Dança hungara n. 5 —
Valsas op. 39

EDIÇÕES

I. M. L.

S. PAULO



J. SEBASTIAN BACH
(Eisenac,, 1685 — Lipsia, 1750)

EDIÇÕES

I. M. L.

S. PAULO

O Pequeno Livro de Ana Madalena Bach



Marca Registrada

TAPETES FEITOS A MÃO
Executam-se sob encomenda em qual-
quer estilo e formato

MANUFATURA DE TAPETES

Santa Helena Ltda.

Matriz — São Paulo
R. ANTONIO DE QUEIROZ, 183

Fone: 4-1522

Filial — Rio de Janeiro:
R. DO OUVIDOR, 123 — 1.º ANDAR
Fone: 22-9054

TINTURARIA



SAXONIA

LAVAM — LIMPAM — TINGEM-SE

Oficina e Escritório:

Rua B. de Jaguará, 980 — Tel. 7-4264

Agência:

Rua Senador Feijó, 50 — Tel. 2-2396

LA ZONGA

Creação Exclusiva

CALÇADO DE LUXO
ORIGINAL

SÃO PAULO

RUA QUINTINO BOCAIUVA, 175

Industria Brasileira

TELEPH., 3-6270